



## EDUCAÇÃO E CAMPESINATO: RESISTÊNCIA E TERRITORIALIZAÇÃO DO JOVEM DO CAMPO

Angelita Zimmermann

Ane Carine Meurer

Tania Micheline Miorando

Gabriela Simonetti Rossato

---

### RESUMO

Este artigo busca socializar o resultado de um projeto de extensão desta Instituição de Ensino Superior, organizado a partir de uma solicitação integrada a uma pesquisa de doutorado que objetivou compreender as transformações na (re)produção da vida dos egressos da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas/RS, Brasil, e da Casa Escola Agrícola Campo Verde/Póvoa do Varzim, Portugal. O projeto teve o propósito de sistematizar a produção territorial da escola brasileira em um livro, reconhecendo e dando visibilidade ao modo como os jovens e suas famílias camponesas resistem no território. Em abordagem qualitativa, fundamentou-se em teóricos da educação, do trabalho camponês e da geografia agrária, bem como em vivências, observações, entrevistas envolvendo 60 egressos formados entre 2008 e 2016, gestores e fundadores desta historicidade. A obra retrata a luta dos sujeitos, as contradições do campesinato e da questão agrária e a importância da escola, visto que a dialética educação-trabalho, preconizada pela formação que alterna tempos, espaços e saberes, tem possibilitado a permanência de 90% dos jovens no campo.

**Palavras-chave:** Educação do Campo; Campesinato; Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas/RS; Território; Geografia Agrária.

## **EDUCATION AND CAMPESINATO: RESISTANCE AND TERRITORIALIZATION OF THE JOVEM DO CAMPO**

### **ABSTRACT**

This article seeks to socialize the result of an extension project of this Higher Education Institution, organized from a request integrated with a doctoral research that aimed to understand the transformations in the (re)production of the lives of High School graduates at Casa Familiar Rural Três Vendas/RS, Brazil, and Casa Escola Agrícola Campo Verde/Póvoa do Varzim, Portugal. The project aimed to systematize the territorial production of Brazilian schools in a book, recognizing and giving visibility to the way in which young people and their peasant families resist in the territory. In a qualitative approach, it was based on theorists of education, peasant work and agrarian geography, as well as experiences, observations, interviews involving 60 graduates graduated between 2008 and 2016, managers and founders of this historicity. The work portrays the struggle of the subjects, the contradictions of the peasantry and the agrarian issue and the importance of the school, as the education-work dialectic, advocated by training that alternates times, spaces and knowledge, has enabled the permanence of 90% of young people in the field.

**Keywords:** Countryside Education; Peasantry; High School Rural Family House Três Vendas/RS; Territory; Agrarian Geography.

## **EDUCACIÓN Y CAMPESINATO: RESISTENCIA Y TERRITORIALIZACIÓN DEL JOVEM DO CAMPO**

### **RESUMEN**

Este artículo busca socializar el resultado de un proyecto de extensión de esta Institución de Educación Superior, organizado a partir de una solicitud integrada con una investigación doctoral que tuvo como objetivo comprender las transformaciones en la (re)producción de la vida de los egresados de Bachillerato en Casa Familiar Rural Três Vendas/RS, Brasil y Casa Escola Agrícola Campo Verde/Póvoa do Varzim, Portugal. El proyecto tuvo como objetivo sistematizar la producción territorial de las escuelas brasileñas en un libro, reconociendo y dando visibilidad a la forma en que los jóvenes y sus familias campesinas resisten en el territorio. En un enfoque cualitativo, se basó en teóricos de la educación, el trabajo campesino y la geografía agraria, así como experiencias, observaciones, entrevistas que involucraron a 60 egresados entre 2008 y 2016, gestores y fundadores de esta historicidad. La obra retrata la lucha de los sujetos, las contradicciones del campesinado y el tema agrario y la importancia de la escuela, ya

que la dialéctica educación-trabajo, propugnada por la formación que alterna tiempos, espacios y saberes, ha permitido la permanencia del 90% de los jóvenes en el medio rural.

**Palabras-clave:** Educación Rural; Campesinado; Casa de la Familia Rural del Agrícola Três Vendas/RS; Território; Geografía agraria.

## **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem o propósito de socializar o resultado de um projeto<sup>1</sup> de extensão, organizado a partir de uma solicitação integrada a uma pesquisa<sup>2</sup> de doutorado que objetivou compreender as transformações na (re)produção da vida dos egressos da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas (EEMCFRTV), do Brasil, e da Casa Escola Agrícola Campo Verde (CEACV), de Portugal, em um processo que envolve relações sociais entre educação e campesinato na dinâmica da questão agrária contemporânea.

O projeto teve o objetivo de sistematizar a produção territorial da escola brasileira em um livro que retrata a trajetória da EEMCFRTV, de Catuípe, no Rio Grande do Sul (RS), reconhecendo e dando visibilidade ao modo como os jovens e suas famílias camponesas resistem no território. Em abordagem qualitativa, fundamenta-se em teóricos da educação, do trabalho camponês e da geografia agrária, bem como em vivências, observações e entrevistas com 60 egressos formados entre 2008 e 2016, bem como com educadores, gestores e fundadores desta historicidade.

Apesar dos desafios no processo e de reorganizações necessárias para o desenvolvimento deste projeto, ocasionados pelo contexto de Pandemia do Covid-19, iniciada em 2020, a obra foi publicada por meio de um trabalho coletivo que envolveu as comunidades e a escola que constitui este território camponês e retrata a luta dos

---

<sup>1</sup> O projeto intitulado “ESCOLA DE ENSINO MÉDIO CASA FAMILIAR RURAL TRÊS VENDAS/CATUÍPE: emancipação e territorialização do jovem do campo”, está registrado sob o Nº 053434, na IES.

<sup>2</sup> Pesquisa de doutorado intitulada “A gente tem muito pra contar! O território epistemológico camponês por egressos de casas familiares rurais do Brasil e de Portugal”, realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, da IES (2019), de XX, orientada pela Profa. XX.

sujeitos sociais que buscam uma produção de bons alimentos com respeito à biodiversidade, em meio às contradições do campesinato e da questão agrária, na disputa entre o agronegócio e a agricultura camponesa.

No movimento contra-hegemônico, socializamos a importância dada pelos sujeitos/agentes sociais à escola, visto que a dialética educação-trabalho, preconizada pela pedagogia da alternância, que alterna tempos, espaços e saberes, tem possibilitado a ampliação do território epistemológico camponês e a permanência de 90% dos jovens no campo.

*As Casas Familiares Rurais e a ampliação do território epistemológico camponês*

As Casas Familiares Rurais (CFR), e sua produção territorial coletiva, contribuem para ampliação do que chamamos de território epistemológico camponês, na medida em que ocorre simultaneamente a transformação dos sujeitos e do lugar de vida, num movimento de reconhecimento e validação do saber camponês.

Desde a origem, na França, em 1935, em um período entre guerras, estas escolas tiveram o propósito de desenvolver o meio local e individual (GIMONET, 2007), buscando uma educação e um processo formativo em que o jovem estudante pudesse passar um período na escola e outro em casa, alternando tempos, espaços e saberes, sem deixar seu lugar de vida. Deste modo, tais instituições têm alargado as possibilidades de permanência e ação dos jovens no campo e, por meio da inter-relação educação e trabalho, integram uma práxis transformadora na vida destes sujeitos (Omitido, 2019).

Os campos de disputas territoriais que envolvem a questão agrária contemporânea, a (re)produção da vida e as relações na sociedade burguesa (trabalho, educação, campo, cidade, produção, agricultura) requerem uma formação/escolarização que possa fortalecer a territorialização de jovens agricultores e suas famílias no campo. Deste modo, na luta camponesa diária, esses processos educativos fundamentados na Pedagogia da Alternância têm se

constituído em espaços epistêmico-políticos que integram territorialidades de transformação, em tempos, espaços e saberes complementares entre si, reconhecendo a ancestralidade como ponto de partida para os conhecimentos sistematizados pela ciência moderna.

As CFR têm alargado este território porque partem da experiência de vida dos estudantes em um processo omnilateral e intercultural de saberes (os sistematizados ao longo da história e aqueles da vida prática). No entrelaçamento entre território e cultura constitui-se uma reciprocidade entre os fazeres e saberes ancestrais dos camponeses e os que compõem a matriz curricular da escola. Conforme a pesquisa mencionada, as principais aproximações desta relação dizem respeito à: organização do trabalho e economia familiar e ao significado do trabalho; às formas Associativas/Cooperativas (compartilhamento de maquinários e instrumentos de trabalho, conhecimentos, técnicas e tecnologias); diversificação ou policultivos para a reprodução familiar; à sucessão geracional e continuidade no campo; aos valores familiares e de convivência comunitária (de solidariedade, cooperação, ancestralidade, aprendizagem, conhecimento/saberes); à educação e libertação num fazer dialógico compartilhado (FREIRE, 2005); à ação/produção pela soberania alimentar e a transição para a agroecologia.

Portanto, a EEMCFRTV se diferencia da escolarização formal porque atua com olhos voltados a uma dinâmica camponesa que prioriza a produção de bons alimentos (soberania alimentar), valores de solidariedade e convivência por meio de trocas de saberes e de fazeres, mutirões, cooperativas, associações, trocas e usos coletivos de instrumentos e maquinários. Ao mesmo tempo, a reprodução social dos egressos reflete a incorporação de processos de produção globais, quanto aos bens materiais, à força de trabalho e ao sistema de relações sociais, do campo e do campesinato contemporâneos.

Desta forma, é fundamental que o território epistemológico camponês se amplie por meio de uma dinâmica formativa coletiva que reflete e é refletida pela

interculturalidade entre os preceitos da Pedagogia da Alternância e da Educação do Campo. Se tornam contra- hegemônicos, na medida em que são pensados e experienciados por um coletivo social que se interroga sobre a própria opressão e luta pela (re)existência propondo meios e agindo por objetivos comuns ao território. Em reciprocidade, a Educação do Campo se apropria da Pedagogia da Alternância e seus instrumentos, como meio mais significativo de produção e validação do conhecimento camponês. A Pedagogia da Alternância por partir da prática e da experiência de vida ancestral, ou seja, de um modo que perpassa a agroecologia e cultiva relações não capitalista de produção.

Territórios epistemológicos camponeses são espaços de formação e emancipação humana que objetivam a melhoria da vida dos sujeitos em sua totalidade reprodutiva (social, cultural, econômica, de lazer, de convivências afetivas, comunitárias, política, educacional) reconhecendo e aprendendo e validando o saber com o processo de produção da vida camponesa (o método), com o como está constituído ou organizado o saber e o fazer camponês (a estrutura) e o que é genuíno de cada cultura e da ancestralidade camponesa (a origem), ou seja, o diverso como incompletude e parte de um todo contraditório, dialético e em contínua transformação.

#### *Educação e campesinato no Rio Grande Do Sul - Brasil*

A experiência e as epistemologias do modo de vida camponês vêm sendo negadas como ciência moderna pelo capital (NUNES, 2008). Compreender a (re)produção da vida dos egressos da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas/Catuípe, reconhecendo as transformações advindas da união entre conhecimentos científicos e ancestrais, originados da luta e resistência cotidiana dos sujeitos do campo, pode ampliar esse território e dar visibilidade ao movimento social contra-hegemônico.

As relações entre o jovem camponês e o mundo do agronegócio do campo

do século XXI, nas multidimensões contraditórias e dialéticas que o estruturam dentro das relações de poder que o produzem, a partir dos distintos projetos de desenvolvimento em curso, se inserem os egressos e suas famílias deste estudo: o que intercepta o modo de produção capitalista e as relações não capitalistas da produção camponesa. O campo da paisagem unificada pelo capital pode ser visto na região noroeste do Rio Grande do Sul, reconhecida como a região da Feira Nacional da Soja (FENASOJA)<sup>3</sup>, a maior feira multissetorial deste estado brasileiro. Uma produção subjugada ao mercado financeiro, à produção de *commodities* e às demandas do capital internacional.

Esta região tem sido um potencial de produtividade para o agronegócio. “A região Sul é seu (agronegócio) grande paraíso. Na pauta das exportações [...], elas lá estavam ocupando, entre os 20 primeiros lugares, 16 deles (pela ordem: soja, carne de frango, fumo, couro e calçados, carne suína, madeiras, milho, açúcar etc.). [...]” (OLIVEIRA, 2013, p. 134).

De acordo com as pesquisas, o RS “[...] é o terceiro estado brasileiro com maior número de pessoas ocupadas na agricultura familiar” (FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA, 2015, s./p.). Na agricultura, destacam-se as culturas do arroz, da uva, do fumo, da maçã, do trigo e da soja. Na pecuária, a participação gaúcha está em especial, na criação de suínos e frangos e na produção leiteira e carne bovina.

Na disputa territorial entre o agronegócio e a produção camponesa são acirradas as lutas e a (re) existência dos sujeitos sociais que compreendem o território:

As políticas neoliberais têm intensificado o processo de desterritorialização dos territórios não capitalistas das comunidades camponesas e indígena ou

---

<sup>3</sup> A Feira acontece a cada dois anos e ocorre desde 1966. A 23ª edição que teve data marcada para o período de 1 a 10 de maio de 2020, no Parque de Exposições Alfredo Leandro Carlson, em Santa Rosa não ocorreu por causa dos impeditivos da Pandemia do Covid-19. Esta edição ficou remarcada para maio de 2022. Disponível em: <<https://www.fenasoja.com.br/feira>>. Acesso em: 22 fev 2020.

de subalternidade dos territórios não capitalistas por meio de empreendimentos realizados em parcerias entre o capital e o Estado. No primeiro caso, as empresas do agronegócio se territorializam por meio da monocultura para exportação. No segundo caso, mantém o controle pelos empreendimentos, principalmente pelas tecnologias e pelo mercado. O capital administra o processo de desterritorialização dos camponeses e também a sua reterritorialização com a mercantilização das políticas públicas, como por exemplo, a reforma agrária. O capital vende territórios capitalistas para a produção de territórios não capitalistas (FERNANDES, 2008, p. 293).

Para Fernandes (2008), o conceito de território compreende a produção do espaço como uma ação política dos sujeitos destas territorialidades; engloba dimensões políticas, econômicas e sociais, por dentro de uma dimensão de multiescalaridade (local, municipal, estadual, nacional, internacional, mundial, global).

A EEMCFRTV se originou de um movimento de resistência camponesa que luta por uma educação que contribua pela emancipação dos sujeitos envolvidos. Localiza-se no noroeste do Rio Grande do Sul, conta com 60 egressos do período 2008-2016 e foi fundada em 2005. Inicialmente, a escola oferecia curso de qualificação aos agricultores e, a partir de 2013, certifica o Ensino Médio em Agricultura.

Estes camponeses buscam uma educação que possa contribuir com a melhoria das condições de vida do jovem do campo. As famílias têm cinco integrantes em média, que possuem em torno de 12 hectares por estabelecimento familiar agrícola, sendo todos proprietários da terra. O trabalho é exclusivamente familiar e possui uma característica reprodutiva baseada na diversificação de culturas, relacionada à produção leiteira, grãos, hortifrutis, ovos, suínos, gado, peixes, mel, entre outras. Os egressos desenvolvem um Projeto Profissional de Vida iniciado desde a formação na escola e que continua sendo essencial para a reprodução familiar. Noventa por cento (90%) dos jovens permanecem no campo e continua o trabalho e modo de vida dos pais.

A trajetória, os desafios e as perspectivas desta relação educação-campo-

território precisa ser visualizada, como solicitou o diretor da escola no percurso da pesquisa, a qual desencadeou a produção e publicação de um livro sobre o modo como os jovens e suas famílias produzem suas vidas no campo hoje, bem como à importância a escola nesta produção territorial.

*Caminhos da pesquisa e (re)adequações do processo no contexto de pandemia*

Conforme mencionado, este artigo resulta do Projeto de Extensão denominado “Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas/Catuípe: emancipação e territorialização do jovem do campo”, desenvolvido no Centro de Educação/Universidade X, que buscou suprir uma solicitação inserida no âmbito da pesquisa de Doutorado realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia, desta IES, intitulada “A gente tem muito pra contar! O território epistemológico camponês por egressos de casas familiares rurais do Brasil e de Portugal”.

A pesquisa que teve, entre outros, o objetivo de analisar a relação entre a formação da Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas – EEMCFRTV (RS/Brasil) e a permanência do jovem no campo, da região de sua abrangência, suscitou um interesse em publicar um livro sobre a história da instituição, cuja existência completou quinze anos em setembro de 2020.

O estudo se pautou em teóricos das Epistemologias do Sul que se propõem a reconhecer e visibilizar saberes não existentes ao capital e às relações capitalistas. “O objetivo das epistemologias do Sul é permitir que os grupos sociais oprimidos representem o mundo como seu e nos seus próprios termos, pois apenas deste modo, serão capazes de o transformar de acordo com suas próprias aspirações” (SANTOS, 2018, p. 19). Por esta perspectiva, o ato do conhecimento poderá ocorrer por meio da apreensão da materialidade histórica da vida destes egressos, sujeitos em suas relações sociais.

Para tanto, a pesquisa de campo se consubstanciou em conversas e entrevistas com sessenta (60) egressos que envolvem o território da CFR, que

ocorreram entre 2017 e 2019. Além disso, tivemos outros momentos de convivência na instituição, nos quais ocorreram conversas, entrevistas e visitas às moradias/comunidades. Foram vivências em Tempo Escola (TE), onde foi observado o funcionamento teórico-metodológico, a organização do trabalho dos gestores, professores, monitores e demais integrantes do processo e, em Tempo Comunidade (TC), em visitas e conversas em seus espaços de vida.

Os momentos da pesquisa de campo se estabeleceram de acordo com as possibilidades dos gestores, já que os mesmos acompanharam cada entrevista pelos doze (12) municípios que integravam o território da escola. A ideia inicial era um diálogo com alguns egressos, contudo, foi solicitado pelo diretor que entrevistássemos cada um dos jovens formados entre 2008 e 2016, requerendo um retorno da Universidade, esta instituição que busca tais conhecimentos regularmente junto à CFR.

Dentre os resultados evidenciados pela pesquisa observou-se a predominância de jovens que vivem e trabalham na própria moradia/propriedade rural, o que nos leva a reconhecer a importância deste espaço contra-hegemônico de educação do campo bem como a relação trabalho e educação e a própria Pedagogia da Alternância como facilitadora da permanência/territorialização dos jovens nos seus lugares de vida. Deste modo, justifica-se a possibilidade de podermos fazer cumprir a função social da universidade com a ampliação/divulgação de epistemologias do território camponês por meio de um livro sobre a trajetória da escola e de emancipação camponesa na contemporaneidade.

Ressalta-se que este projeto foi idealizado e submetido antes do início da pandemia (Covid-19). Portanto, as ações envolviam mais encontros, reuniões e entrevistas presenciais que pudessem integrar a produção do livro. Contudo, a partir de março de 2020, começamos a vivenciar esse momento histórico, cujo principal cuidado sanitário tinha como premissa o distanciamento social. Deste modo, com a

suspensão das atividades presenciais na universidade XX, bem como em todas as escolas e também na EEMCFRTV, a continuidade do trabalho de pesquisa de campo presencial ficou prejudicada. Assim, dois pontos foram redefinidos e adequados para a produção do livro: 1) havíamos ingressado com um projeto que concorria a recursos orçamentários para a produção do livro em Edital específico da IES. Com a pandemia, o edital ficou suspenso e tivemos que ver outras formas de conseguir o valor necessário (R\$ 7.405,00) para a tiragem de 300 exemplares, já que a escola pretendia o lançamento do livro para a data de aniversário de 15 anos de sua existência, ou seja, 23 de setembro de 2020, e o Edital mencionado não previa data para execução naquele momento; 2) toda a logística de entrevistas finais, reuniões com a equipe de trabalho, fundadores, busca por “parceiros” que financiaram o livro, entre outros, ficou dependendo do uso de internet, por meio de videoconferências, telefonemas, etc. que pudessem viabilizar o trabalho de maneira mais profícua, o que foi difícil porque nem sempre a internet funcionava na localidade de Três Vendas/Catuípe, lugar de localização desta escola, bem como de vida dos egressos, pessoas da comunidade, fundadores, etc.

Entretanto, apesar de todo o desafio colocado, tivemos êxito por meio de um trabalho cooperado e coletivo realizado pelos envolvidos no projeto (território da comunidade escolar e esta IES). Para tanto, dentro do objetivo geral, que foi produzir e publicar o livro histórico deste território, foram cumpridos os específicos: a) ampliar os dados sobre os referenciais desta trajetória, por meio de entrevistas com gestores, professores, monitores, fundadores, sistematizando e ampliando aspectos a serem visualizados, agregando-os aos demais já organizados na tese; b) produzir e organizar o livro considerando depoimentos, texto, fotografias, vivências na escola e na moradia dos egressos, já apurados pela referida pesquisa de doutorado, além de buscar mais informações, caso necessário; e, c) publicar o livro e artigo divulgando-o em diversos espaços socioculturais que envolvem o território epistemológico camponês.

O projeto teve um cronograma de ações desenvolvidas durante o ano de 2020: 1) reuniões com os gestores e Associação da EEMCFRTV; 2) entrevistas com fundadores, gestores, membros da Associação, governanta, professores; 3) produção do livro; 4) revisão do livro; 5) criação/arte gráfica; 6) envio do livro para a impressão gráfica; 7) lançamento do livro e divulgação. O projeto foi realizado na íntegra e o livro foi lançado em outubro, com atraso de um mês em que a escola completou seus 15 anos de existência, devido ao distanciamento social vivido no período. Um segundo lançamento estava previsto para a Expoiner<sup>4</sup> 2020, realizada em Porto Alegre/RS, que foi prorrogada para 2022.

Essa publicação irá contribuir especialmente para o aprofundamento dos estudos sobre trabalho, educação e campesinato, o funcionamento e estrutura teórico-metodológica de Casas Familiares Rurais, bem como uma caracterização do egresso dessa instituição, com vistas à permanência do jovem no campo, conforme o que preconizam as ações de ensino, pesquisa e extensão desta IES. Além disso, demonstra que as ações articuladas que envolvem diversas instituições dedicadas à educação, ao território e ao campesinato contemporâneo brasileiro podem projetar perspectivas emancipatórias aos sujeitos sociais que as compõem. O desenvolvimento do projeto intermediou espaços acadêmicos e o território da escola durante o ano de 2020. A equipe de trabalho contou com agentes sociais da comunidade, dos municípios envolvidos, da escola e da universidade. Foram gestores, professores, monitores, estudantes, egressos, fundadores, associação CFRTV, entidades atuantes no território desta casa familiar rural, colaboradores (Sindicatos dos Trabalhadores Rurais, Emater/RS), IES, interessados e atuantes na Educação do Campo e na permanência do jovem no campo. As ações programadas para a produção deste livro contaram ainda com a participação de estudantes da

---

<sup>4</sup> A Expoiner é uma feira agropecuária nacional e internacional, realizada no Parque Estadual de Exposições Assis Brasil, em Esteio, no Rio Grande do Sul. Além de exposições, ocorrem seminários e eventos de discussões sobre a temática da agricultura e agropecuária. É considerada a maior feira de exposição de animais da América Latina.

graduação.

*O livro “Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas, Catuípe: 15 anos de educação e emancipação do jovem do campo”*

Como mencionamos, a produção e publicação de um livro sobre a historicidade e importância desta escola e seu processo formativo de educação do campo no território, se originou de uma pesquisa que focou nas lutas vivenciadas pelo campesinato, nas práticas tradicionais, nas trocas entre vizinhos, famílias e parentes, no uso da terra em sua função social e humanizadora, na diversificação de culturas, na solidariedade comunitária, nas crenças e valores, nas relações afetivas e simbólicas no tempo e no espaço, considerando o espaço geográfico como modo privilegiado de pensar e agir em relação à educação e à juventude, às famílias, ao trabalho e à produção, ao lazer e às relações socioculturais e históricas dos tempos e dos espaços vividos na contemporaneidade do campo brasileiro. Compreendemos as práticas tradicionais no sentido ético e civilizatório da humanidade, considerando que a tradição não é estática, ela fornece os fundamentos da nossa base, nossas raízes para continuar e enfrentar as crises impostas pelo movimento, desigual e contraditório, do capital. A ancestralidade é um movimento que nos possibilita o enfrentamento das formas de destruição impostas pela modernidade (LOUREIRO, 2005).

Vivenciamos a estrutura e política agrária para o agronegócio, este modelo que incentiva a intensificação da técnica e da tecnologia do conhecimento científico do capital, totalmente integrado ao mercado financeiro. A partir da metade do século XX e, mais intensamente, na atualidade, o capital se espacializa e amplia sua reprodução por meio de mercadorias, modificando a estrutura agrária no âmbito mundial (OLIVEIRA, 2008). Nesse processo, o projeto de desenvolvimento das nações hegemônicas, integrados a grandes empresas e ao sistema financeiro, se propaga multinacionalmente e, se estabelecendo em lugares estratégicos de produção, distribuição e comercialização, amplia cada vez mais seu território e,

consequentemente, aprofunda as diferenças entre soberania alimentar e segurança alimentar, entre educação e capacitação, entre trabalho camponês e empregabilidade no campo.

Na contra-hegemonia é necessário que os sujeitos e classes subalternizadas se organizem, se articulem e busquem soluções e vivências alternativas de emancipação, como é o caso deste coletivo estudado. Ao saudar Paulo Freire, seu legado e sua responsabilidade com a emancipação social, Guilherme (2020) evidencia a importante mensagem deste educador:

[...] ofereceu-nos uma ‘pedagogia da liberdade’ (1991, 1ª ed. 1967), que ele concebe como uma oportunidade para a decisão, fundamentada na consciência crítica e no diálogo horizontal, que não se resigna à ajuda assistencial que mascara e preserva a injustiça. Uma ‘pedagogia da autonomia’ (2007, 1ª ed. 1996), através da qual PF nega que ‘formar’ seja ‘treinar’, levar o estudante a adaptar-se a uma realidade irreversível: - ‘Devo enfatizar também que este é um livro esperançoso, um livro otimista, mas não ingenuamente construído de otimismo falso e de esperança vã’ (p. 19). Assim, PF afirma que ‘não há docência sem discência’, na medida em que exige o entrelaçar da teoria e da prática, o diálogo epistemológico entre docente e discente. Uma ‘pedagogia da esperança’ (1993, 1ª ed. 1992), a necessidade ontológica que nos mobiliza para transformar e concretizar[...] (GUILHERME, 2020, p. 65).

E, como se torna impossível nos movermos sem nos indagarmos sobre o que virá, e “sem nos interrogar em torno de como fazer concreto o ‘inédito viável’ demandando de nós a luta por ele” (FREIRE, 2005, p. 98), é que, ainda que estejamos vivenciando este período histórico de dor coletiva pelas vidas perdidas na pandemia do Covid-19, fizemos o possível para concretizar uma sociologia de esperança com a publicização da história de lutas do campesinato e de um coletivo que transforma, se transforma, cria e recria sua trajetória, em um entrelaçamento de mãos que aliam educação e território.

O estudo apontou que, na dinâmica do sistema do capital, este camponês, egresso da CFR, vive em contradição já que sua (re)produção ora se movimenta pela ancestralidade, ora pelas determinações do sistema agrário como um todo,

desse projeto de desenvolvimento econômico da agricultura globalizada como um dos principais motores do capital, via agronegócio. O importante desta conflituosa dialética acaba sendo a capacidade de os sujeitos se indagarem, de questionarem suas ações e produções entre os paradigmas do campo (Omitido, 2019).

Dados do Censo Brasileiro (2010) indicam que a população brasileira, com um total de 190,7 milhões de pessoas no período, concentrava nas cidades 84,36% deste total, o que comprova a crescente tendência do jovem rural a deixar o campo, migrando para uma cidade próxima. Esses processos vêm se intensificando desde os anos 1950 e gerando vários problemas sociais decorrentes dessa ocupação desordenada (IBGE, 2010). Assim, dentre os desafios que envolvem a discussão em torno do trabalho e da educação, bem como dos “mundos do trabalho” (HOBBSAWM, 1987), estão as mudanças na organização do trabalho e suas demandas à formação dos/as trabalhadores/as durante o capitalismo do século XX e XXI. Outra indagação é sobre o papel da educação para a humanidade e que educação seria emancipatória (ANTUNES e PINTO, 2017).

No Brasil, as Casas Familiares Rurais têm se empenhado em desenvolver uma formação destinada aos jovens do campo/rural, no sentido de que eles consigam, junto aos seus familiares, ampliar e melhorar as condições de trabalho e de vida, sem precisar buscar outros lugares para a própria reprodução social. A luta dos trabalhadores que vivem no campo brasileiro vem constituindo a Educação do Campo. À preocupação das gerações precedentes com a sucessão e continuidade pelas gerações que seguem se junta a necessidade de uma educação que possa disputar com os projetos políticos alinhados pelo agronegócio e pelo projeto de desenvolvimento do país (ARROYO, CALDART e MOLINA, 2011).

Desse modo, buscamos refletir e estudar sobre como são enfrentados tais desafios e as oportunidades de educação e formação a que ascendem os jovens, suas condições de vida e de trabalho e, em consequência, a relação permanência no campo e construção formativa desenvolvida pela escola. Percebemos que em suas

relações sociais, enquanto os sujeitos se educam dialogicamente, formam uma identidade coletiva, construindo-se um espaço social que congrega organização, capacidade para a tomada de decisões, prática das ações conjuntas e participativas, e, por consequência, enquanto produzem o território se produzem como pessoas (RAFFESTIN, 1993).

A pesquisa de doutorado, bem como sua interlocução com o projeto de extensão, além do aprofundamento dos estudos sobre as relações entre trabalho e educação no campo, possibilitou intercâmbios científicos entre a IES e a EEMCFRTV, bem como entre os sujeitos, pesquisadores e pesquisados. Mais que isso, possibilitou o reconhecimento e a visibilização do conhecimento que conecta a ancestralidade camponesa aos conhecimentos técnico-científicos necessários à agricultura camponesa da contemporaneidade, visto que o espaço agrário hoje congrega uma agricultura capitalista, produtora de *commodities*, que determina o tipo de produção e elimina cada vez mais a agricultura e o saber camponês.

Compreendemos que estes egressos são ativos produtores do território epistemológico camponês, sujeitos sociais em práxis (FREIRE, 2005). Estão aqui visibilizados e reconhecidos, cognitivamente e socialmente, por seus saberes, formas de resistência, lutas na produção diária da vida, manifestadas nas tomadas de decisões ou nas possibilidades que têm para materializá-las no contraditório enfrentamento do modo de produção hegemônico, determinado pelo projeto de desenvolvimento capitalista, linear e global.

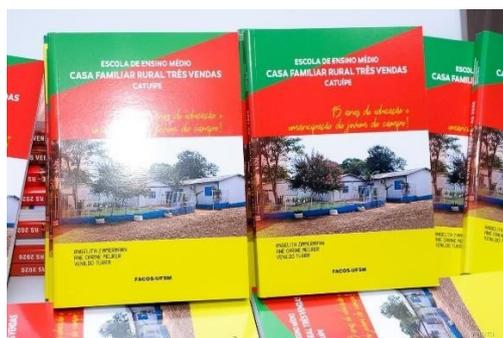
Este território epistemológico camponês produz outras relações sociais, as quais têm apontado caminhos para novas lógicas de reprodução social e de saberes. Neste sentido, quanto à permanência do camponês no seu lugar de vida, o papel social da educação e da escola do campo são fundamentais, visto que a Educação do Campo nasce como um projeto de formação humana, profissional e técnica que tem origem em diversas pedagogias populares: na Pedagogia do Movimento, na Pedagogia do Oprimido, na Pedagogia Socialista, na Pedagogia Histórico- Crítica e na Pedagogia da Alternância.

A partir do desenvolvimento deste projeto intensificou-se a participação dos diversos segmentos e entidades que atuam no território (co)responsabilizando-os nos processos de permanência do jovem do campo, bem como na busca por recursos financeiros para a publicação do livro. A articulação de um intercâmbio entre o Centro de Educação/IES e a comunidade externa possibilitou maior visibilidade à função social dos agentes da EEMCFRTV que também são assumidos por esta instituição pública de educação, promovendo a ampliação da participação dos sujeitos envolvidos na produção do livro, nos espaços educacionais que trabalham pela educação do campo e pela permanência do jovem no seu lugar de vida e de trabalho camponês.

Portanto, o projeto possibilitou a articulação de algumas dimensões da política de extensão da universidade: 1. Dimensão Política de Gestão: envolveu trabalhadores em educação da IES, da escola/CFRTV, das entidades e pessoas que atuam neste território da educação do campo; 3. Dimensão Relação Universidade – Sociedade: a relação ensino-pesquisa e extensão que envolve a produção/divulgação da trajetória educacional da CFRTV e os impactos da atuação da instituição na transformação social pela emancipação dos sujeitos do campo, valorizando ancestralidade e os conhecimentos/saberes da agricultura camponesa; 4. Dimensão Plano Acadêmico: formação continuada dos docentes/gestores das instituições envolvidas, dos acadêmicos e servidores atuantes no projeto, dos interessados na educação do campo e; 5. Dimensão Produto acadêmico, além da produção do livro, produção de artigos, apresentação de trabalhos e relatório final (Omitido, 2019). Além disso, a elaboração/produção de um livro, a partir do olhar do egresso, possibilitou maior reconhecimento da importância da instituição na região de atuação da escola, bem como o território epistemológico camponês como possibilidade emancipatória dos sujeitos do campo.

A Figura 01 mostra o livro publicado, resultante do referido projeto de extensão (Omitido, 2020).

**Figura 01: Livro publicado em 2020**



Fonte: acervo dos autores (2020).

A produção deste livro sistematizando a trajetória de um espaço educacional inovador e emancipatório, como a Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas de Catuípe, no noroeste do Rio Grande do Sul (Brasil), torna-se um meio de valorização e reconhecimento do camponês e da necessária interconexão educação e território, fortalecendo a luta do campesinato na contemporaneidade e a reflexão sobre uma educação que seja dos sujeitos em sua diversidade cultural, política e socioambiental.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, R.; PINTO, G. A. **A fábrica da Educação: da especialização taylorista à flexibilização toyotista**. São Paulo: Cortez, 2017.

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. Apresentação. In: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (Orgs.). **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 07-18.

FERNANDES, B. M. Entrando nos Territórios do Território. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs.). **Campesinato e territórios em disputa**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008. p. 273-302.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. Características da agropecuária do RS. **Fundação de Economia e Estatística**, [S.l.], 01 set. 2015. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/sinteseilustrada/caracteristicas-da-agropecuaria-do-rs/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

GIMONET, J-C. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos CEFFAs**. Tradução de Thierry de Burghgrave. Petrópolis: Vozes, 2007.

GUILHERME, M. M. D. Celebrando Paulo Freire. **Revista Creativity and Educational Innovation Review**. Vol 04, 2020, p 65-66.  
Disponível em:  
<https://ojs.uv.es/index.php/creativity/article/view/19645/17405>. Acesso em: 05 fev. 2021.

HOBSBAWM, E. J. **Mundos do Trabalho novos estudos sobre história operária**. Tradução de Waldea Barcelos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Rio de Janeiro: IBGE. 2010. Disponível em: <<https://censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

LOUREIRO, I. M. **Rosa Luxemburgo: vida e obra**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

NUNES, J. A. O resgate da epistemologia. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 80, p. 45-70, mar. 2008. Disponível em:  
<<http://journals.openedition.org/rccs/693>>. Acesso em: 11 jan. 2021.

OLIVEIRA, A. U. de. Um geógrafo permanente a serviço de seu país: as contribuições de Orlando Valverde para a Geografia e para a sociedade. In: PAULINO, E. T.; FABRINI, J. E. (Orgs.) **Campepinato e territórios em disputa**. 1. ed. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008. p. 357-418.

OLIVEIRA, A. U. de. Barbárie e Modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil. In: STEDILE, J. P.; ESTEVAM, D. (Orgs.). **A questão agrária no Brasil: O debate na década de 2000**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. p. 103-172. Disponível em:  
<<http://www.reformaagrariaemdados.org.br/sites/default/files/a%20questao%20agraria%207.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2021.

RAFFESTIN, C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, B. de S. **O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do sul**. Coimbra: Edições Almedina, 2018.

(Omitido). Projeto de Extensão do Centro de Educação. **Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas/Catuípe: Emancipação e territorialização do jovem do campo** (Registro no GAP N. 053434), 2019.

(Omitido). “A gente tem muito pra contar!” O território epistemológico camponês por egressos de casas familiares rurais do Brasil e de Portugal. 2019. 381p. **Tese** (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019.

(Omitido). **Escola de Ensino Médio Casa Familiar Rural Três Vendas, Catuípe: 15 anos de educação e emancipação do jovem do campo**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020.

---

### **Angelita Zimmermann**

Doutora em Geografia pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (GPET), Universidade Federal de Santa Maria.

E-mail: [angelitazd@gmail.com](mailto:angelitazd@gmail.com).

Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-3327-8917>

### **Ane Carine Meurer**

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGEO), da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisadora do Grupo de Pesquisa em Educação e Território (GPET).

E-mail: [anemeurer@gmail.com](mailto:anemeurer@gmail.com).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7377-1963>

### **Tania Micheline Miorando**

Professora Doutora do Centro de Educação, da Universidade Federal de Santa Maria, pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Imaginário Social (GEPEIS).

E-mail: [tmiorando@gmail.com](mailto:tmiorando@gmail.com).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2934-5478>

### **Gabriela Simonetti Rossato**

Graduanda do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Maria,  
bolsista do Centro de Educação.

E-mail: [gabisrossato@hotmail.com](mailto:gabisrossato@hotmail.com).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6179-8683>

**Artigo recebido em 03/11/2021 e aceito em 11/11/2021**